

# As paredes eram brancas

MAX MORENO

Revisão: Alexandre Dorigon

[max@maxmorenooficial.com.br](mailto:max@maxmorenooficial.com.br)

(44) 998-787621

*Capítulo 1*  
EM NOME DO PAI

SORRIR. ESSE FOI O PRIMEIRO IMPULSO QUE ELE TEVE ao saber da morte do velho. Controlou-se. Não queria vê-lo morto, claro que não. Se bem que, em algum momento, essa ideia tenha lhe rondado a cabeça, sorradeira. De maneira inconsciente, ele jurava. Julgamentos são gratuitos, sedutores. Então o que as pessoas poderiam pensar de um filho que se permite pensamentos obscuros sobre o próprio pai?

O sujeito tinha *partido*, e agora ele não sabia como reagir. Sorrisos são naturalmente efêmeros. Assim, mostrar os dentes não lhe parecia a solução.

Chegava a ser engraçado imaginar que embora até o próprio falecido suspeitasse de que seu fígado, já todo *ferrado*, não fosse resistir por muito mais tempo, o álcool não teve nada a ver com desfecho melancólico da história. Por mais que a ideia parecesse tentadora, não dava para atribuir ao uísque a culpa por ter abreviado a vida do cara.

De manhã, um dos jornais locais trazia — em sua seção de manchetes *sangrentas* — a notícia de que um homem identificado como Agenor Pereira de Lima, fora assassinado na noite anterior. Baleado. Ao que parece, a vítima não fez nenhuma questão de dar trabalho ao atirador. Bastou um disparo. Um único tiro foi o suficiente para fazê-lo desmoronar.

Paola, a vizinha da casa de cima, foi quem apareceu com a publicação na casa do garoto. Tinha as mãos agitadas e o olhar *certeiro*. Ela, o marido Diego e o filho Enzo — uma criança de quatro anos, que fazia um barulho sinistro ao respirar — tinham se mudado para o bairro uns meses antes.

O garoto ouviu, numa das conversas entre a sua mãe e a mãe do pequeno Enzo, que o menino padecia com uma bronquite crônica, ou asma ou sabe-se lá o quê. O fato é que às vezes o garotinho tinha dificuldade ao respirar, e dava a impressão de que seus pulmões iam entrar em colapso numa batalha árdua e desonesta em busca de algo que a maioria de nós só se dá conta de que existe quando precisa: o ar.

Paola costumava passar boa parte do tempo em sua casa cuidando do filho asmático, o que lhe rendia também algum tempo livre para *bisbilhotar* a vida dos outros, e ao se dedicar aos prazeres da maledicência, não era difícil identificar alguma satisfação

naqueles olhos castanhos. Esse mesmo entusiasmo a acompanhou naquela manhã quando ela decidiu aparecer na casa do garoto com o jornal nas mãos.

Uma *bala* tinha atravessado o pescoço flácido do velho Agenor, bem no momento em que ele saía da *Boate Sagitarius* — um desses lugares exóticos, onde o grau de satisfação masculina costuma aumentar a cada dose de bebida — na rua Lisboa, Jardim Alice.

Já era madrugada quando o som do disparo percorreu os arredores.

Não se pode negar que se alguém estivesse transitando pela rua Ataíde Aires naquele momento, certamente teria ouvido o estampido. Se bem que, em uma cidade como Foz do Iguaçu, o ruído produzido por um tiro não é bem o que se pode chamar de “novidade” ou algo que desperte tanto a atenção das pessoas, especialmente de madrugada.

Protegido pelas sombras da noite — apesar da iluminação pública — e por vários veículos enfileirados no estacionamento diagonal do outro lado da rua, o atirador disparou contra o homem, que no mesmo instante despencou como uma laranja podre, direto no chão.

Foi tudo rápido demais, alguém teria dito.

Um trecho da notícia no jornal dizia que “(...) *as duas mãos levadas à garganta, não deram conta de obstruir o ferimento, de onde jorrava um líquido viscoso que se alastrava pela calçada*”. O garoto ficou se perguntando se o sujeito que tinha escrito aquela merda de notícia achava que estava fazendo poesia.

Correu os olhos pelo texto e encontrou um parágrafo onde o tal jornalista que assinava a matéria dizia que *nenhuma das testemunhas foi capaz de descrever de onde o tiro tinha partido*. Seja lá quem tivesse puxado o gatilho, havia sumido do local tão rapidamente quanto a esperança nos olhos de um condenado à morte.

Um campo de futebol que fica em frente à boate, pode ter contribuído para o sucesso na fuga do criminoso. O lugar tem poucas árvores, e a escuridão é sempre uma aliada de quem tem a intenção de passar despercebido.

O atirador deixou para trás um homem prestes a se afogar com próprio sangue e uma dúvida: ou o sujeito era um *profissional*, alguém que sabia exatamente o que estava fazendo, por isso, mirou na artéria, na altura do pescoço; ou não passava de um amador, que falhou ao mirar na cabeça e acertou por acaso a garganta da vítima.

De qualquer forma o trabalho foi feito.

Sim, o garoto estava nervoso, por que não ficaria? Estremeceu quando um policial chamado Wallace Viana o convidou para — segundo suas próprias palavras — uma *conversa informal* na 6ª SDP. O detetive Viana era o agente designado para assumir a investigação no caso do assassinato do velho Agenor.

Quando se deparou com aquele sujeito de pele escura, o garoto teve a sensação de já tê-lo visto antes. E já tinha mesmo. Estava diante do dono de um cavanhaque tão bem desenhado, que parecia coisa de pagodeiro. Costumava aparecer nesses programas de TV, onde os apresentadores se sentem especiais e *enchem a boca* ao falar do último infeliz que teve o corpo cravejado de balas.

Era ele, Wallace Viana. O homem que surgia na tela, ao lado de policiais fardados, toda vez que as letras de rodapé indicavam reportagens relacionadas a assassinatos, tráfico de drogas ou brigas de *gangs*, chefiadas por traficantes doidões, na disputa por território. Os mesmos programas aos quais o garoto assistia enquanto sua mãe jurava que ele dedicava suas tardes às curtidas no *Facebook* ou à mais uma temporada *forçada* de *Malhação*.

— Ei, tudo bem — o detetive disse, seu tom era despreocupado —, vamos apenas conversar. Arregaçou as mangas da jaqueta jeans até a altura dos cotovelos.

— Tá.

O que o garoto se esforçava para entender, era aonde o detetive queria chegar com aquela história de *conversa informal*, e afinal, *por que ele estava sendo interrogado?*

— Isso não é um interrogatório — Viana exclamou, como se não fizesse outra coisa na vida além de adivinhar pensamentos. — São só algumas perguntas sobre o seu pai... — ele estufou o peito e corrigiu a postura. — Nada de mais, coisas de rotina, sabe?

— Cadê a minha mãe?

— Não se preocupe, ela está na sala ao lado.

— Será que dava pra chamar ela, por favor? — A frase quase desapareceu numa súplica dolorosa e infantil.

— Fique calmo — Viana abriu um sorrisinho malicioso —, prometo que não vai doer — disse isso com a consciência de quem sabe de que nunca teve talento para piadas. E essa história de detetive engraçadinho só funciona bem em filmes.

Tudo o que o garoto não queria era parecer medroso, embora sua expressão dissesse o contrário. A imagem de um moleque assustado, choramingando pela presença

da “mamãe” o incomodava. Mesmo assim, ele não abandonava o desejo de tê-la por perto, ainda que fosse só por uma questão de segurança. Então ele insistiu.

— Por favor!

O detetive suspirou. Alisou o cavanhaque, coçou o pescoço, na altura do colarinho de sua jaqueta azul-marinho, e em seguida chacoalhou a cabeça para cima e para baixo, num movimento quase imperceptível. Sua testa toda engordurada agora estava franzida.

∅∅∅

*Tá de brincadeira*, pensou o garoto, quando lhe foi perguntado sobre o convívio do velho Agenor com a família. Era uma pergunta sem sentido. Não havia outra maneira de defini-la. Toda a vizinhança sabia do *inferno* em que viviam; das noites em que o velho mergulhava em bebedeiras e de suas reações frequentemente violentas.

Não é segredo para ninguém que o mundo é um lugar cheio de gente escrota. A pouca idade não o impedia de saber disso. O que escapava à compreensão do garoto era porque muitas mulheres se recusavam a denunciar seus maridos valentões. Tudo bem que o lado afetivo tenha lá o seu peso, e a dependência financeira também seja um *problema*, mas a ideia de um marmanjo espancando a esposa, o deixava indignado. Talvez porque sua mãe — assim como um bando de mulheres mundo afora — também se submetia a isso.

O que não falta por aí é gente disposta a fazer cretinice a vida toda, e o garoto nunca teve dúvidas de que seu pai fazia parte desse grupo.

∅∅∅

Ele só tinha treze anos e não passava de um pirralho desajeitado. Por isso, a maneira como o detetive o encarou foi suficiente para deixá-lo em pânico. Era intencional. Por alguma razão, Viana parecia querer aterrorizá-lo.

— Está certo — ele balançava a cabeça, como se estudasse a expressão no rosto do garoto —, vou ficar de olho em você.

*Como assim, ficar de olho?*

O garoto se esforçava para não demonstrar o impacto causado pela frase que acabara de ouvir. Quanto tempo ainda aguentaria sem desabar, sem abrir um *berreiro* numa súplica sem fim pela presença da mãe?

— Acredite — o detetive falava baixinho e sem desviar o olhar —, mais cedo do que você imagina, vamos pegar o assassino do seu pai.

∅∅∅

*O filho da mãe egoísta parecia mais simpático estirado naquela gaveta do Instituto Médico Legal*, o garoto pensou. Conseguiu identificar — apesar da palidez e das manchas roxas ao redor dos olhos — uma expressão amistosa no rosto do pai. Sim, ele estava impressionado com a situação, mas pensou ter visto um sorriso naqueles lábios escuros e sem brilho; o que não o surpreenderia. Apesar de fazer o estilo “*foda-se-todo-mundo*”, não se podia negar que o Velho tinha senso de humor, e se tivesse uma oportunidade não hesitaria em *sacanear* o próprio filho, mesmo depois de morto.

Convencer a mãe a entrar no Instituto Médico Legal já podia ser considerado um feito quase heroico. Daí a esperar que a mulher aceitasse reconhecer o corpo do marido, era pedir demais. Diante da trágica falta de opções, o Dr. Fernando de Andrade Passos, o médico legista, não encontrou alternativa senão liberar o garoto para fazer o *trabalho* e... *Deus do céu, que cheiro era aquele?*

— É ele mesmo — o garoto declarou.

O homem, metido num jaleco branco, dirigiu-lhe um olhar desapontado. Na opinião dele, aquela era uma cena digna de mais dramaticidade. No mínimo algumas lágrimas. Não aconteceu. Era difícil condená-lo. O sujeito devia estar habituado a ver pessoas se *descabelando* diante do cadáver de algum familiar.

— Sinto muito — ele disse, a impessoalidade em pessoa.

Antes de deslizar a gaveta frigorífica à posição original, ele puxou de volta o lençol que cobria o rosto do morto.

*Tanto faz*, o garoto pensou. Não tinha a menor disposição para falar sobre o assunto.

Seu silêncio foi interpretado como um sinal de resignação.

[max@maxmorenooficial.com.br](mailto:max@maxmorenooficial.com.br)

(44) 998-787621  
(44) 3525-1009